

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PRISCILA GOULART DOS SANTOS

**“E SE A GENTE MISTURAR TUDO?”
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, FORMAÇÃO DE
PROFESSORAS E O 20 DE NOVEMBRO**

PORTO ALEGRE

2023

PRISCILA GOULART DOS SANTOS

**“E SE A GENTE MISTURAR TUDO?”
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, FORMAÇÃO DE
PROFESSORAS E O 20 DE NOVEMBRO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Melina Kleinert Perussatto.

Porto Alegre

2023

Priscila Goulart dos Santos

“E SE A GENTE MISTURAR TUDO?”

ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, FORMAÇÃO DE PROFESSORAS
E O 20 DE NOVEMBRO

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Melina Kleinert Perussatto.

APROVADA EM: 14 de abril de 2023

BANCA AVALIADORA:

Prof.^a Dr.^a Melina Kleinert Perussatto (FACED/UFRGS) – orientadora

Prof.^a Dr.^a Fernanda Oliveira da Silva (IFCH/UFRGS)

Prof. Dr. Deivison Moacir Cezar de Campos (FAMECOS/PUCRS)

AGRADECIMENTOS

*Muito obrigada, axé!*¹

Deveria começar os agradecimentos do modo tradicional, mas comigo nada é comum... É difícil fazer esta escrita porque parece que umas pessoas são mais importantes que outras devido à organização dos parágrafos. Todas as pessoas aqui citadas são importantes de igual modo. O caminho que trilhei e que resultou neste trabalho foi tranquilo, igual ao mar no dia dois de fevereiro em Salinas, onde estive para fazer as oferendas à mãe Iemanjá.

Mãe (Luciane), mana (Nicole), mano (Demétrius), Jordan e Anthony, quero lhes dizer que a crença de vocês em mim é o que me manteve firme na busca desse sonho: o sonho de fazer História.

Julia Dutra (psicóloga), me parece que o teu trabalho é o mais importante do mundo. Graças à tua escolha de ser psicóloga, eu posso hoje encontrar um equilíbrio mental, sou grata pela Priscila que sou hoje, e parte disso devo a ti.

Mãe Eliane (Ialorixá), hoje sei que nossos ancestrais me guiaram até ti... foi um reencontro com a minha espiritualidade. Odoyá mãe Iemanjá!

A Faculdade de Educação da UFRGS é a minha casa, lá vivi muitas experiências e fui muito feliz. Quando chegou a etapa final, foi ela quem me trouxe um presente especial: a professora Melina Perussatto! O estágio em Educação Patrimonial foi uma experiência única e feliz, eu propus uma ideia “doida” e ela topou e acreditou que seria uma proposta exitosa. E foi! Ela viu dentro de mim uma potência que desconhecia, fui acolhida (em termos pedagógicos), e posso dizer que são pouquíssimas(os) as(os) professoras(res) universitárias(os) que fazem isso. Afeto é a palavra que define um pouco o que foi a orientação deste TCC.

Meninas e menino (equipe EMEI Nadal), vocês não são meu objeto de pesquisa, mas são pessoas que me instigam a estudar e refletir muito sobre o racismo e a história negra. Sou tão grata por se abrirem às minhas propostas e participar delas, como foi o caso da visita à exposição. Nise (coordenadora pedagógica), aprendo muito contigo, te agradeço por todo apoio e por acreditar em mim. No fim os problemas que tivemos com relação às questões

¹ Título da música *Muito Obrigado Axé*, composta por Carlinhos Brown e interpretada por Ivete Sangalo, com participação de Maria Bethânia na gravação original. Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ivete-sangalo/1497844/>. Consulta em: 01 abr. 2023.

raciais me trouxeram aqui... nós somos outras pessoas e a Nadal avançou tanto! Obrigada Denise (diretora) e Andréia (vice-diretora) por tudo!

Também quero agradecer à professora Dr.^a Fernanda Oliveira, e ao professor Dr. Deivison Campos, pelo aceite deste trabalho que se mostra como singular na área da História.

Agradeço ao Afroativos da EMEF Saint Hilaire pelo empréstimo dos livros para a montagem da ambiência.

Não posso terminar meus agradecimentos sem mencionar as crianças que são parte desta caminhada: a turma de Maternal 2A do ano de 2019, a turma de Berçário 2 de 2021, a turma de Maternal 2A de 2022 e a turma de Jardim A1 de 2023.

“E se a gente misturar tudo?”

Ensino de história na educação infantil, formação de professoras e o 20 de novembro

Priscila Goulart dos Santos²

Resumo: O presente trabalho de conclusão de curso em História procura refletir sobre as relações entre a educação patrimonial, ensino de história, educação das relações étnico-raciais e a formação docente na Educação Infantil da Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal. Parte da experiência de visitação de um grupo de educadoras   exposição *Palmares não   são um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, em 2022, e também da construção de uma caixa de jogos sobre a exposição. Por meio da pesquisa-ação, foi possível constatar que a visitação se mostrou como uma experiência positiva e única para a maioria das visitantes, constituindo-se como uma possibilidade formativa para além dos muros da escola.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. 20 de novembro. Formação Docente. Ensino de História. Educação Infantil.

“What if we mix it all up?”

History teaching in early childhood education, training of teachers, and the November 20th

Abstract: The present undergraduate thesis in History seeks to reflect on the relations between heritage education, history teaching, education of ethnic-racial relations, and teacher training in Early Childhood Education at Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz de Nadal. Starts from the experience of a group of educators visiting the *Palmares n o   apenas um, s o milhares: 50 anos do dia 20 de novembro* (2021-2022) exhibition, of the Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, during the Teaching Internship in History – Heritage Education, in 2022, and also the construction of a box of games about the exhibition. Through the research-action, it was possible to verify that the visitation proved to be a positive and unique experience for most visitors, constituting a training possibility beyond the school walls.

Keywords: Heritage Education. November 20th. Teacher Education. History Teaching. Early Childhood Education.

² Professora de educação infantil na rede municipal de Porto Alegre. Pedagoga e mestra em História pela UFRGS.

1. INTRODUÇÃO: QUAL O MEU LUGAR DE FALA?

A chegada nesse lugar é uma mescla das minhas vivências enquanto intelectual negra, militante no movimento social negro, professora de educação infantil na rede pública de Porto Alegre, e historiadora em formação. Os estudos que tenho empreendido a partir do mestrado³ sobre a história da população negra no Brasil, as ações afirmativas, o movimento social negro, me levaram a questionar as possibilidades de ensinar às crianças pequenas tudo aquilo que havia aprendido, desejando que a história do Brasil fosse ensinada desde a educação infantil. Poderia eu esperar pelo dia no qual as crianças, enfim, tivessem acesso à sua história? Qual era o meu papel como professora delas e também como historiadora?

Então comecei a pensar que história poderia ensinar às crianças com três anos, o que seria fundamental que elas soubessem, o que elas teriam capacidade cognitiva de se apropriar. Quando uma situação de racismo ocorreu com a turma com a qual eu trabalhava, ao mesmo tempo em que a celebração do 20 de novembro realizada pela escola no ano de 2019 – me vi tendo que agir rapidamente a fim de desconstruir o que havia sido ensinado. Escolhi o Quilombo dos Palmares para efetivar a experiência do ensino da história na educação infantil, os conceitos de reino, rei, rainha e zumbi era parte do repertório da turma, então procurei utilizá-los para ensinar sobre o Quilombo. Usei imagens atuais do quilombo, e aproveitei para fazer uma comparação com o reino de Wakanda.

³ SANTOS. Priscila Goulart dos. *Ecoa o grito da resistência que derrubou barreiras e tomou o que é nosso: dez anos de Ações Afirmativas na UFRGS*. 2019. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

Imagem 1: Apresentação do Quilombo dos Palmares ao Maternal 2 no ano de 2019.



Fonte: a autora (2019). Foto tirada na EMEI Dom Luiz de Nadal na ambiência alusiva ao Novembro Negro.

A partir daquele mês, expandi minhas indagações: o que as crianças deveriam saber sobre o 20 de novembro? O que minhas colegas e demais profissionais da escola sabiam sobre o 20 de novembro? O que estava ensinando a celebração do 20 de novembro às crianças? O que fazer na escola para enfrentar o racismo?

Estes questionamentos resultaram em uma luta contra o racismo e pelo ensino do 20 de novembro na escola. Em fevereiro de 2020 escrevi um *e-mail* (carta) com uma série de apontamentos com relação ao racismo dentro da escola. Em conversa com a Direção e a Coordenação, formações e materiais foram pensados para aquele ano, desse modo, a última formação foi realizada por mim, sobre a história do 20 de novembro, tendo por base o texto de Oliveira Silveira, *Vinte de novembro: história e conteúdo*. Nesse mesmo ano, no Novembro Negro, realizei uma exposição de fotos das crianças e pessoas adultas negras pelas paredes da escola e elaborei uma pasta, que está no *drive* disponibilizado às colegas da escola, com livros, artigos, teses, dissertações, materiais audiovisuais sobre as questões raciais e a história da população negra no Brasil.

Com a proposição de que o 20 de novembro se relaciona com o Quilombo dos Palmares, e a nossa história enquanto afro-brasileiras(os), venho trabalhando em prol da

formação da equipe e do ensino da história negra às crianças desde o berçário. Foi nesta perspectiva que entendi a exposição *Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), como um presente, como a minha chance de mostrar às minhas colegas a magnitude do 20 de novembro. Aquela seria a oportunidade perfeita para que a história pudesse ser ensinada de um modo diferente. Por isso, no momento de escolher uma instituição para atuar durante o Estágio de Docência em História – Educação Patrimonial, escolhi o Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS).

Além disso tudo, como pedagoga-historiadora, como material didático criei uma caixa pedagógica com jogos para o ensino da história na EMEI Dom Luiz de Nadal e também no MARS. O jogo traz para as crianças o lúdico que possui a potência de criar memórias afetivas. Desse modo, os jogos seriam um instrumento para ensino da história negra na educação infantil. Pensar nos jogos e nas imagens foi um processo divertido e complexo; o que cada jogo ensinaria às crianças? Por que estes jogos e não outros?

Então, pensei em três jogos que fazem parte do ambiente das crianças: jogo da memória, bafo e quebra-cabeças. Para o jogo da memória o Quilombo dos Palmares (seu espaço, as pessoas) e o Grupo Palmares, uma vez que lugares e pessoas são elementos que as crianças pequenas conseguem se apropriar. Para o jogo de bafo, que é muito comum entre as crianças dos jardins A e B, trouxe os Clubes Negros por ter como referência a quadra da maior escola de samba do bairro: a Estado Maior da Restinga; e o Sopapo enquanto instrumento de percussão é familiar tanto devido aos terreiros quanto à escola de samba, desse modo as crianças possuem meios de fazer relações e produzir os seus saberes acerca dos Clubes Negros e o Sopapo. Por último os dois quebra-cabeças: o primeiro da família Borel que é muito importante na história do bairro; o segundo foi a escolha do painel pelo fato de tornarem a negritude como algo gigante em sua beleza e diversidade, a criança pode ali se projetar como gigante, e esta ação pode ser parte de uma **construção de identidade negra positiva**.

O caminho que tenho trilhado na escola é uma mistura de pedagogia com história, e por este motivo trago o ensino da história para a educação infantil, **por entender que o ensino de outras narrativas sobre a história da população negra no Brasil é uma potente ferramenta na construção da identidade racial das crianças negras e brancas; é preciso dismantelar as ideias de inferioridade negra e superioridade branca, desde a educação infantil**.

2. PESQUISA-AÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

As ciências sociais já fizeram a pergunta: pode a pesquisadora ser parte do grupo pesquisado? Sim, contanto que tenha o rigor metodológico pautado em conceitos que transformem o estudo em uma análise crítica e não uma mera descrição da realidade. Desde 2019 compoño o grupo de profissionais da EMEI Dom Luiz de Nadal e, a partir da proposição do Novembro Negro, venho problematizando os significados desta data para a escola.

A **pesquisa-ação** como metodologia que provém das ciências sociais envolve três elementos essenciais que não apresentam hierarquizações rígidas. Conforme Adelina Baldissera (2001, p. 6), a pesquisa-ação é composta pela investigação, ou seja, a realidade é analisada com base num suporte teórico, a ação ocorre paralelamente através das intervenções da pesquisadora e dos diálogos. Com relação à participação, as(os) sujeitas(os) da pesquisa não são tratadas como objeto de pesquisa, elas(es) atuam dentro do estudo com seus saberes e ações.

Nesta pesquisa ora sou pesquisadora, ora sou pesquisada. Este tipo de pesquisa se tornou comum nas escolas, visto que muitas(os) professoras(es) passaram a também ser pesquisadoras(es) de seu lugar de trabalho, também por se tratar de uma pesquisa social de “base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação [...] na qual a(o) pesquisadora(or) e as(os) participantes representativos da situação [...] estão envolvidas(os) de modo operativo ou participativo” (BALDISSERA, 2001, p. 10).

Ainda segundo Adelina Baldissera, “uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo” (*idem*, p. 9). Desde que passei a problematizar o 20 de novembro na escola, ofertei uma formação sobre a história do Grupo da Palmares e a criação do vinte de novembro no ano de 2020; oportunistei uma visita à exposição *Palmares não é só um, são milhares*, no MARS, em 2022; auxiliei a Coordenação na escolha de livros para aumento do nosso acervo de livros infantis com personagens negras e negros e adultos (de autoras e autores negros) que abordam as questões raciais; produzi uma caixa com jogos alusivos à história afro-brasileira. Nessa perspectiva, a pesquisadora é também promotora de ações antirracistas cujo objetivo é transformar o ambiente da escola em um lugar que realmente promova a construção de identidades negras positivas, bem como de identidades brancas não racistas.

Pensando nas potencialidades da Exposição *Palmares não é um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), a partir do ensino de história, da educação patrimonial e da formação docente, percebi que uma ida ao museu poderia se configurar em uma tarde de formação pedagógica para as educadoras da Escola Municipal de Educação Infantil Dom Luiz

de Nadal, funcionando como uma segunda parte da formação ocorrida em 2020 sobre a história do Grupo Palmares e o 20 de novembro.

A primeira pergunta que fiz foi: **poderia a visita transformar-se em uma manhã ou tarde de formação docente como as demais previstas no calendário da escola? Será que o grupo irá conceber a visita como um momento de formação?** Embora as duas indagações se mostrem como parecidas, as suas perspectivas divergem, deste modo questiono sobre as possibilidades de uma visita transformar-se em um momento de formação docente continuada; e também se as educadoras irão considerar a visita como um passeio ou como uma formação.

Sabemos que a formação docente não para no dia em que as educadoras terminam seus cursos de formação, independentemente se for nível médio ou superior. Neste sentido, a formação continuada se apresenta como parte inerente do fazer docente. Muitas secretarias de educação têm como uma de suas políticas a formação continuada de professoras(es) tanto da educação infantil quanto as demais etapas. Acerca da importância da formação docente continuada, a intelectual Lilian Kemmer Chimentão (2009, n. p.) pontua que “A formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos”.

É preciso pensar no quanto exposições como estas, exposições artísticas, escolas de samba, clubes negros, quilombos, o Museu do Percurso⁴, podem ser também lugares de formação continuada, de modo a combater a “invisibilidade do patrimônio material e imaterial” (GOMES, 2019, p. 72) da população negra de Porto Alegre.

Estes espaços possuem um potencial para ensinar outras narrativas históricas sobre a população negra, e por isso devem ser considerados quando a escola pensa em seu calendário de formações. As conversas com palestrantes, sem dúvida alguma, são muito ricas, mas a **experiência da imersão em espaços como estes, proporcionam o sentir, e o sentir é o que nos toca e que cria as memórias afetivas, que irão marcar as pessoas, de tal modo que, a realidade escolar passa a se ser diferente após uma imersão.**

O estágio trouxe uma possibilidade de ensino que até então não havia pensado... Comumente, a sala de aula se mostrava como meu chão, mesmo com as especificidades dos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Com frequência penso sobre o ensinar e o aprender, sobre as potencialidades da educação, mas tudo circunscrito à

⁴ A escola visitou o Museu no ano de 2019.

sala de aula, por isso a ideia de educar no museu se mostrou desafiadora. Penso que o diferencial maior da educação patrimonial está na imersão, pois as pessoas, ao ir a uma exposição em museu, se encontram imersas em um determinado contexto que, neste caso, é o 20 de novembro.

É sabido que nos últimos anos os museus foram transformados pelas novas teorias da museologia social, e também pela presença de novos(as) atores(atrizes). Estas mudanças nos convidam para um novo olhar a partir dos(as) “subalternos(as)”; são tempos em que é chegada a vez daqueles e daquelas consideradas(os) subalternas(os) de ver-se em uma exposição no museu. Em uma sociedade plural, é fundamental que outras narrativas visuais possam compor os museus e os espaços de memória. Jean Batista e Tony Boita (2014), demonstram que o lugar das minorias é também dentro dos museus, e que esse lugar pode ser um espaço em potencial para desconstrução de estigmas e estereótipos. Em se tratando da questão LGBT os autores pontuam que “[...] a capacidade de transicionar está no corpo da museologia. Nos museus, transicionamos patrimônio, reencontramos suas identidades em espaços contemporâneos e travestidos os objetos com novos sentidos, sentidos contemporâneos. O museu é, de fato um espaço travesti” (BATISTA; BOITA, 2014, p. 176).

Podemos pensar que esse movimento de travestir também diz respeito à população negra, aos movimentos sociais, aos povos originários, que historicamente estão do lado de fora deste lugar. Todavia, ao (re)pensar este espaço, é preciso considerar que exposições também sejam pensadas e elaboradas pelos(as) agentes considerados(as) “forasteiros(as)”. Estamos tratando de um diálogo no sentido freiriano, no qual participam do processo pessoas das comunidades, militantes do movimento social, intelectuais que não estão na universidade, entre outros agentes, que têm o conhecimento e a qualificação para elaborar uma exposição ou organizar um espaço de memória. Estas participações não-convencionais levam para dentro dos museus a democratização da diversidade. Por conseguinte, o público que visita um museu (uma exposição) também passa a ser diverso, pessoas que até então não haviam se imaginado em um museu, passam a ocupar este lugar.

A experiência de se visitar o museu é particular de cada pessoa, no entanto, a imersão causada por uma exposição, como o caso dos 50 anos do 20 de novembro, se configura como uma vivência única, gerando aprendizagens, movimentando memórias, dores, sentimentos de orgulho e de esperança.

3. O MARS E A EXPOSIÇÃO *PALMARES NÃO É UM, SÃO MILHARES: 50 ANOS DO 20 DE NOVEMBRO (2021-2022)*

O MARS foi criado pela Secretaria de Estado da Cultura no dia 20 de abril de 1978, e tem como objetivos principais a documentação e a divulgação da dinâmica de diferentes contextos socioculturais em âmbito regional (RIO GRANDE DO SUL, s. d.). Seu acervo é constituído por milhares de documentos e objetos oriundos de pesquisas etnográficas de campo, arqueológicas e etnoarqueológicas, e está armazenado em três reservas técnicas. Embora hoje o MARS se encontre no prédio do Memorial do Rio Grande do Sul (desde 2015), no qual mantém o setor administrativo e técnico, e a reserva técnica três, em seu histórico houve outras cinco sedes. Foi no espaço atual que ocorreu a exposição *Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de Novembro (2021-2022)*, cuja idealização teve por objetivo homenagear o cinquentenário da data. Segundo a secretária de Estado da Cultura, Beatriz Araújo (2022, p. 6): “[...] Além de dar visibilidade às trajetórias de resistência e de formação de consciências, a exposição provoca um novo olhar que nos permite melhor compreender e respeitar essas memórias e, em especial, suas relações com o presente e o futuro da sociedade em que vivemos”.

A organização da exposição “resultou de um sensível trabalho coletivo de pesquisadores e agentes culturais negras e negros, que reafirmaram seu espaço de protagonismo convocando o público para a reflexão” (ARAÚJO, 2022, p. 6). Esse formato coletivo contou com doze curadores: a historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto, o historiador Arilson dos Santos Gomes, a especialista em museologia Giane Vargas, a mestra griô Liliana Cardoso, o professor aposentado da rede estadual de ensino Luiz Cláudio Knierim, a antropóloga Mariana Balen Fernandes, a professora, secretária-geral da Associação Negra de Cultura, e filha de Oliveira Silveira, Naiara Silveira, e o músico Rafael Diogo dos Santos (Rafa Rafuagi), os produtores culturais Renato Vieira e Rodrigo de Souza Francisco, o cenógrafo Rodrigo Shalako, e a professora Sátira Machado.

A exposição foi articulada em sete módulos: a) Negros e negras em movimento; b) 80 anos de Oliveira Silveira: o poeta da consciência negra; c) Grupo Palmares de Porto Alegre - Consciência Negra em dia!; d) Quilombos do Rio Grande do Sul: resistência e territorialidade; e) Clubes Sociais Negros: lugar do sagrado, do discurso próprio, da autonomia e da liberdade; f) Sou a Matriz Negra do Sul; g) Decolonialidade, Identidade e Afrofuturismo.

Com relação à exposição, a historiadora Ana Flávia Magalhães (2022, p. 37) pontua que:

A exposição “Palmares não é um, são milhares” é uma demonstração inequívoca de como as instituições de memória são fundamentais na promoção de direitos humanos e combate ao racismo. Nessa celebração dos 50 anos do 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, por meio da elaboração de intelectuais ativistas e acadêmicas/os atuantes em diversos espaços, o MARS dá uma lição de como a democracia se faz pelo reconhecimento dos vários sujeitos sociais que dão corpo a nossa sociedade.

Essa democratização trazida pela exposição se mostra como uma ação essencial quando estamos falando de contar às pessoas outras narrativas históricas acerca do passado de negras e negros no Rio Grande do Sul. O movimento de contar outras narrativas históricas sobre a(o) negra(o) foi um dos motivadores do Grupo Palmares ao criar o 20 de novembro. Segundo Deivison Campos:

[...] O Grupo Palmares identifica no quilombo, que lhe empresta o nome, e na figura de Zumbi os referenciais para construção desta nova identidade, baseada numa ideia de resistência e realidade opressora. A partir dessa apropriação e ressignificação do passado para usar no presente, propõe-se formular novas representações sobre o negro e sua cultura (CAMPOS, 2006, p. 154).

Zumbi e Aqualtune não se resumem a uma data, trata-se de uma outra versão da história na qual o 13 de maio se mostra sem sentido, a ideia de uma princesa branca salvadora das(os) negras(os) estava longe de representar a realidade, “o treze não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A Abolição, só havia abolido no papel [...]. E sem o treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil” (CAMPOS, 2006, p. 152). Era a promoção não somente de um novo símbolo, mas de criar uma história afirmativa da negra(o), de resistência, e também de promover a valorização da cultura negra.

O MARS sediar a exposição *Palmares não é só um são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), conta uma história que a história não conta. Traz para o centro da cidade a história marginal com novas(os) sujeitas(os) históricas que não são apresentadas(os) na escola. Essa narrativa rompe com os conhecidos estigmas negativos da escravização, e inaugura um movimento de transformação e subversão da história negra, que foi realizado pelo Grupo Palmares na década de 70.

Enquanto o Museu Antropológico do Rio Grande do Sul conta uma narrativa positivada da população negra, construída por uma coletividade, evidenciando o protagonismo negro, o Memorial do Rio Grande do Sul, conta a tradicional história na qual a população negra aparece como escrava. Então, dentro de um mesmo espaço físico, duas instituições estatais retratam a população negra de modos diferentes, demonstrando o quanto é desafiador para as instituições de memória fazer das narrativas marginais o centro, demonstrando ainda que as narrativas históricas não se resumem a apenas uma, e principalmente que se trata de um campo em disputa.

Por longo tempo o museu foi o lugar do passado imóvel, retratando uma única versão do passado, ao qual a sociedade se apropriou como “a verdadeira” história do Brasil⁵. Esse modelo de museu apresentava a função social de preservação de uma narrativa histórica na qual a agência em suma é masculina e branca. Não se tratava de um lugar com foco no diálogo e nas trocas de saberes, estando longe de ser um espaço de reconhecimento dos diferentes grupos sociais.

Entretanto, essa configuração de museu vem mudando no transcorrer dos anos. A museologia social provocou profundas mudanças nos funcionamentos dos museus⁶, que a partir dos anos 1980 passaram a empreender “as noções de tema e problema, de territorialidades ou de desterritório” (CHAGAS, 2018, p. 312). Esse processo de trazer para o centro diferentes comunidades sociais instituiu uma democratização, na qual a margem deixa de ser margem para então no centro contar as suas narrativas, produzindo novos significados, outros valores, outros modos de ver a realidade, de ver as pessoas.

O Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, ao realizar a exposição *Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), promoveu a democratização de saberes históricos, e trouxe para a sociedade gaúcha a história escamoteada, e principalmente ensinou às crianças, adolescentes e educadoras(es) sobre a importância do 20 de novembro.

4. “É UM ESTAR IMERSO, UMA EXPERIÊNCIA QUE É ÚNICA E DIFERE DE PALESTRA OU AULA”: QUANDO A FORMAÇÃO DOCENTE ACONTECE NO MUSEU

⁵ Processo parecido com as narrativas históricas que são apresentadas pelos livros didáticos. O livro didático que chega à escola passou por avaliação do Ministério da Educação, neste sentido, a criança e/ou adolescente que recebe esse livro, considera que a escrita da história trazida por ele é a verdade, é a história que realmente aconteceu, mesmo que essa versão ignore outras(os) sujeitas(os) históricas(os).

⁶ Embora a palavra museu apareça no plural, temos ciência de que os museus sociais não são a maioria no país.

Imagem 2: Equipe de Educadoras da EMEI Dom Luiz de Nadal no MARS em 2022.



Fonte: fotografia tirada com o celular de uma das educadoras (2022).

Imagem 3: Equipe de educadoras da EMEI Dom Luiz de Nadal, junto ao mediador da exposição João Otávio Rodrigues e a orientadora do estágio, a professora Melina Perussatto.



Fonte: acervo da autora (2022).

A escola de educação infantil Dom Luiz de Nadal localizada no bairro Restinga, existe há quatro décadas e, nos últimos anos (conforme relatos de educadoras, o 20 de novembro passou a ser celebrado na escola a partir do ano de 2015), tem se empenhado na implantação da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino da História Afro-Brasileira e Africana (2004). Neste sentido, do momento em que ingressei na escola até o presente, nos é possível construir uma pequena linha do tempo no que tange à realização do Novembro Negro:

Quadro 1: pequena linha do tempo dos acontecimentos na EMEI Dom Luiz de Nadal de 2019 a 2022.

2019	Visitação ao Museu do Percurso Novembro Negro: realização de várias atividades diárias, bem como uma ambientação na entrada da escola.
2020	Formação sobre a história do 20 de novembro a partir do texto de Oliveira Silveira, <i>Vinte de novembro: história e conteúdo</i> . Novembro Negro: exposição com fotos das crianças, famílias, profissionais da escola negras.
2021	Novembro Negro: homenagem a mulheres negras da Restinga: jogadora de futebol, cantora, Iyalorixá, professoras da rede, ex-aluna. A cada semana uma destas mulheres foi homenageada.
2022	Projeto Cultura, Arte e Orgulho Visitação à exposição <i>Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro</i> (2021-2022) Novembro Negro: Territórios Negros

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao longo dos anos a Escola realizou diferentes celebrações no mês de novembro. A partir do ano 2019 esta passou a ser feita durante o mês todo, recebendo o nome de Novembro Negro da Nadal. Vale ressaltar que a EMEI Nadal é a única a celebrar a data por trinta dias. Como bem demonstrou o quadro acima, algumas atividades antecederam a visita ao MARS. Em 2020 foi realizada formação de modo virtual sobre a história do 20 de novembro, nessa ocasião se estudou o texto “*Vinte de novembro: história e conteúdo*” do intelectual e fundador (junto a Nara Helena Medeiros Soares, Helena Vitória dos Santos Machado, Margarida Maria Martimiano, Mariza Souza da Silva, Marli Carolino, Maria Conceição Lopes Fontoura, entre outras e outros) do Grupo Palmares, Oliveira Silveira.

No ano de 2021, a escola homenageou mulheres negras da Restinga, o que lembrou as homenagens que o Grupo Palmares realizou em 1971 (o grupo homenageou José do Patrocínio, Luiz Gama e Zumbi dos Palmares). Em 2022, a coordenadora pedagógica da escola criou o Projeto Cultura, Arte e Orgulho, que traz para os demais dias letivos a celebração do 20 de novembro. Desse modo, no dia 20 de cada mês uma turma realiza alguma ação baseada na educação para relações étnico-raciais, e todo dia 20 passa a ser o 20 de novembro. Em abril de 2022 aconteceu a visita pedagógica à exposição *Palmares não é só*,

são milhares: 50 anos do 20 de novembro (2021-2022), no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARS), e por fim o tema do Novembro Negro da Nadal foram os Territórios Negros de Porto Alegre – mais uma vez cada turma escolheu um lugar para estudar e propiciar uma vivência⁷.

A visita ocorreu no dia 27 de abril de 2022, no turno da tarde, e a quantidade de pessoas girou em torno de 40. Devido à quantidade, o grupo foi dividido em dois, sendo atendido por dois mediadores: Maria Helena Sant’Ana e João Otávio Rodrigues. Organizamos a mediação em duas partes complementares, desse modo, enquanto um grupo visitava a primeira parte da exposição (Grupo Palmares, Oliveira Silveira e o 20 de novembro), o outro visitava a segunda parte (os quilombos, clubes negros, outros atores negros). Eu não fui responsável pela mediação, devido ao objetivo da visita, que era oportunizar uma imersão no 20 de novembro, e que a intervenção se desse por outras vozes, a fim de demonstrar às educadoras que os estudos que trago para discussão dentro da escola não são opiniões pessoais. Parto do pressuposto de que, com outras pessoas falando, as chances de tocar as pessoas seriam maiores.

Após a visita, apliquei dois questionários elaborados no Google Forms (anexo 1), contendo cinco perguntas o primeiro, e uma pergunta o segundo. Foram disponibilizados no grupo da escola, que contém todas(os) as(os) profissionais da EMEI. Com um quadro composto por 40 pessoas, com relação ao primeiro questionário, elaborado em abril de 2022, obtive oito respondidos. Sobre o segundo questionário, formulado em dezembro do mesmo ano, apenas um foi respondido.

Quadro 2: Questionário 1 realizado logo após a visita ao MARS

Esta foi a sua primeira visita a um Museu?
Como foi a visita para você?
Que relações entre a Exposição e o Novembro Negro da Nadal podem ser feitas?
A exposição mudou o seu modo de ver/sentir o 20 de novembro? Comente a sua resposta.
Pensando na Exposição, o que podemos pensar para a Nadal?

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quadro 3: Questionário 2 realizado em novembro de 2022.

A visita à exposição <i>Palmares não é só um são milhares: 50 anos do 20 de novembro</i> , te ajudou na formulação da tua proposta para o Projeto Cultura, Arte e Orgulho, e na formulação da(s) proposta(s) para o Novembro Negro? Em caso positivo diga como.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

⁷ Os lugares escolhidos foram: Praça do Tambor (Maternal 2A), Bará do Mercado (Jardim B1), Super Tinga (Jardim B2), Oxum de Ipanema (Berçário 2), Largo Zumbi dos Palmares (Maternal 1), Pegada africana (Maternal B2), Paineiro Afro-Brasileiro (Jardim A1), Redenção (Jardim A2).

O Questionário 1 confirmou a impressão de que a mediação se mostrou essencial para a experiência de imersão. Ela oportunizou uma nova forma de aprendizagem. É como se fosse uma varinha mágica das palavras que vai dando vida (significado) ao que está exposto. Sobre o ato de mediar, a historiadora Caroline Pacievitch (2019, n. p.), se baseando em Mikhail Bakhtin, se refere à palavra:

[...] os limites da palavra, a complexidade do ato Comunicativo, concretização de que a palavra pode constituir-se como mediadora dos fatores envolvidos na comunicação, permitindo ou não a construção de sentidos [...] a palavra é indicadora das transformações sociais justamente quando consideramos seu caráter de signo.

Embora uma exposição seja cuidadosamente planejada, os sentidos que a mediação, e que as(os) visitantes irão lhe atribuir estão para além de qualquer controle. Quando pensamos na aprendizagem no ambiente escolar, e neste caso no ensino de história, percebemos que há uma tentativa de controle sobre o que as crianças/adolescentes “devem” aprender, então criam-se objetivos de aprendizagens, nos quais as crianças, para serem aprovadas, precisam provar que aprenderam os conteúdos selecionados pela(o) professora(or). No entanto, no que tange à educação patrimonial, podemos dizer que não tem como isso acontecer em um museu; ali as aprendizagens são livres, como falou uma das educadoras: “*é uma outra forma de aprender*” (Educadora A).

Na segunda parte da exposição, que inicia com os quilombos, o mediador imprimiu novo significado ao objeto exposto. Este exemplo nos mostra o quanto a explanação da mediadora e do mediador deram sentido à exposição como um todo, enriquecendo com a história e conhecimentos novos.

Foi um grande aprendizado, de trocas e de memórias afetivas (Educadora L).

A visita foi muito importante para relembrar a história do Rio Grande do Sul e o racismo incrustado até os dias de hoje com a população negra (Educador D).

O Educador D salienta que a Exposição também trata da história do Rio Grande do Sul, então a separação que a historiografia tradicional realizou por longo tempo é desfeita quando ele considera a história do Grupo Palmares, dos Clubes Negros, dos quilombos como parte da história riograndense. Ele também faz uma leitura na qual as resistências, lutas e as recriações mostradas na exposição demonstram o modo como o racismo que atinge a todas as pessoas negras até o presente.

Interessante perceber que a Educadora L usa o termo “trocas”, e isto nos fala de um conhecimento prévio, que pode estar relacionado com as formações e ações que a escola vem fazendo nos últimos anos. A exposição possui relação com a EMEI Dom Luiz de Nadal, e este foi também um dos motivos pelos quais aconteceu a visitação – lembremos que a escola

celebra o 20 de novembro. Acerca dessa relação trago duas percepções das(os) Educadoras(os):

A exposição nos impulsiona a continuar valorizando potências negras da comunidade e toda história de lutas que estas carregam (Educador D).

O novembro negro da Nadal também traz representações de pessoas negras e histórias para as crianças, assim como vemos na exposição (Educadora P).

Quando o Educador traz para a escrita reflexiva o verbo continuar, e a Educadora D ao dizer “*também traz representações de pessoas negras*”, ele e ela se referem ao Novembro Negro de 2021, e no qual mulheres negras da Restinga foram lindamente homenageadas. Esta ação da escola, lembra as homenagens a pessoas negras que são realizadas por todo país em alusão ao 20 de novembro. Além disso, vale perguntar se a visita mudou o modo de ver o 20 de novembro, pois para grande maioria das educadoras o entendimento acerca da importância desta data, ainda se encontra em processo. Esta pergunta foi feita, e as respostas se mostraram bem diversificadas:

Sem dúvida, pois foge do espectro “negro *card*”, que só é visto e lembrado no mês de novembro... Como o próprio nome da exposição discrimina “Palmares não é só um, são milhares, e nestes leilões se encontram Delizete (minha mãe), Ághata, Marielle e demais pessoas negras que viveram bravamente suas vidas (Educador D).

Obtive mais informações neste sentido, a ponto de querer saber se juntamente com os Lanceiros Negros haviam mulheres negras “lanceiras negras” lutando na batalha de Porongos. Sim, quero saber se havia mulheres negras na linha de frente, que não aparece na história dos Lanceiros Negros (Educadora F).

Sim, com certeza eu amei saber mais sobre (Educadora G).

Não, mas me sensibilizou muito (Educadora M).

Sim, é muito importante termos cada vez mais acesso à história e à memória, que nos faça (re)pensar o que queremos para nossas crianças (Educadora P).

As representações que parecem estar presentes nas celebrações do mês de novembro são questionadas pelo Educador D, que salienta a estrutura racista que faz a pessoa negra ser vista apenas em novembro. Esse é o mês no qual algumas pessoas enfim se abrem para ouvir pessoas negras, é o mês em que parecem ser consideradas relevantes as discussões sobre racismo, enfim, tudo em relação à pessoa negra se mostra aceitável e visível neste mês. Ele coloca diferentes figuras como representantes da luta feminista e racial, essa ação vai ao encontro do que diz a exposição “Palmares não é só um(uma)” – é a dona Delizete, minha avó Stella, a minha Iyalorixá Eliane Almeida, a professora Larisse Moraes, e por aí vai... a lista não acaba, e que bom que não acaba, pois demonstra que o quilombo segue vivo, é um movimento de longa duração como nos fala a historiadora Beatriz Nascimento ([1977] 2018, p. 134). A resistência negra segue e, por conseguinte, quilombos vão se formando em

diferentes espaços e de diferentes modos, tais como: Sopapo Poético (POA/RS)⁸, Slam das Minas RS⁹, projetos escolares como Afroativos da EMEF Saint Hilaire (Lomba do Pinheiro/POA/RS)¹⁰, Empoderadas IG (POA/RS)¹¹, Quilombonja (Bom Jesus/POA/RS)¹², e outros.

A exposição além de provocar muitas aprendizagens, também suscitou o desejo de se aprender mais sobre outros momentos da pessoa negra na história do Rio Grande do Sul. A Educadora F passou a se questionar sobre a presença de mulheres negras no destacamento dos Lanceiros Negros, indo ao encontro de uma pergunta que muitas educadoras da rede municipal fazem em setembro: havia mulheres brancas e negras lutando na Revolta Farroupilha? Outra educadora se interessou por saber mais dos quilombos do estado. Isto demonstra o quanto a mediação pode gerar novas problematizações, esta é a riqueza de uma experiência de imersão. Fazer novas problematizações, relações, e principalmente o pensar nas aprendizagens das crianças, como pontua a Educadora P: “(...) é muito importante termos cada vez mais acesso à história e à memória, que nos fazem (re)pensar o que queremos para nossas crianças”. Este é o elemento chave, (re)pensar o que queremos ensinar sobre o 20 de novembro, e a Educação das Relações Étnico-Raciais, às crianças de escola. O que é importante? O que terá sentido para elas que são tão pequenas? Encontrar estas respostas não é um processo simples, mas ações como as formações continuadas e estudos se mostram como possibilidades em potencial.

5. O LÚDICO TAMBÉM PODE ENSINAR HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CAIXA DO JOGO PEDAGÓGICO

O jogo nos últimos anos se mostrou como uma excelente ferramenta pedagógica no que diz respeito ao ensino de história. A cada dia professoras e professores de História criam diferentes jogos para qualificar a aprendizagem de suas e seus alunos, visto que “se usado para fins pedagógicos, o jogo é capaz de mudar a relação do aluno com temáticas históricas” (JUCHEM; PEREIRA, 2018, n. p.).

O jogo também faz parte do universo da educação infantil, e assim como no ensino fundamental, esse instrumento pode gerar o que comumente chamamos de memórias afetivas. Os jogos pensados para a caixa pedagógica ensinam sobre lugares e pessoas que são parte da

⁸ Conheça em: sopapopoetico.blogspot.com; <https://www.facebook.com/SopapoPoetico>.

⁹ Conheça nas redes sociais: <https://www.facebook.com/SlamdasMinasRS>; linktr.ee/slamdasminasrs.

¹⁰ Conheça nas redes sociais: <https://www.facebook.com/afroativos>; afroativos.com.br.

¹¹ Conheça nas redes sociais: <https://www.facebook.com/poderdocrespoig>; [instagram.com/empoderadasig](https://www.instagram.com/empoderadasig).

¹² Conheça em: <https://www.facebook.com/quilombonja>; lume.ufrgs.br/handle/10183/189994.

história do Rio Grande do Sul. Estas pessoas e lugares fazem elos com o nosso presente, nos mostrando um passado até então desconhecido tanto pelas crianças quanto pelas pessoas adultas da escola.

Nesta perspectiva, pensei nos jogos de um modo que todas as turmas da escola pudessem jogar. O bafo e o jogo da memória podem ser manuseados pelas crianças do Berçário e do Maternal 1 em um momento no qual a educadora possa fazer a intervenção contando sobre as imagens que as crianças estão vendo. Nas turmas de Maternal 2, Jardins A e B, é possível jogar os jogos conforme as instruções, e os quebra-cabeças podem ser montados pelas turmas de Jardim B. Para que ocorra um momento de ensino, torna-se fundamental que intervenções pedagógicas sejam realizadas, o que gera sentido para os jogos e os transforma em instrumentos de aprendizagem histórica.

Imagem 4. Frente e laterais da Caixa Pedagógica.



Fonte: acervo da autora (2022).

Imagem 5. Interior da Caixa Pedagógica



Fonte: acervo da autora (2022).

Duas caixas foram confeccionadas, uma para o Museu Antropológico do RS e outra para a EMEI Dom Luiz de Nadal. Além dos jogos (2 quebra-cabeças, 1 jogo da memória e 1 jogo de bafo), em cada caixa foi adicionado o texto de Oliveira Silveira, *Vinte de novembro: história e conteúdo*. Abaixo segue uma descrição dos jogos confeccionados¹³:

- **QUEBRA-CABEÇA 1: painel de entrada (24 peças)**

O painel da entrada: Ao subir as escadas na entrada do museu, nos deparamos com um painel gigante que em um só tempo une o passado com o presente, ao trazer parte do hino riograndense composto pelo poeta Oliveira Silveira com as sombras de pessoas negras do tempo presente. As sombras trazem para dentro do museu a diversidade que é ser negra e negro, enaltecem a cultura, a religiosidade e corporeidade que lhes são características.

- **QUEBRA-CABEÇA 2: Mestre Borel (24 peças)**

¹³ Cada jogo foi pensado por mim, contudo a confecção dos jogos foi feita por uma empresa, a *Phênix Negra - Moda conceitual afrocentrada*. Ver mais sobre a empresa em: <https://www.facebook.com/phenix.negrar.s>.

Mestre Borel: Walter Calixto Ferreira, mais conhecido como Mestre Borel, nasceu na cidade de Rio Grande em 1909. Mestre Borel é uma das figuras culturais dentro da cultura de matriz africana mais importantes dentro do RS, foi bailarino do teatro negro do RJ onde fez par com Mercedes Batista. Mestre Borel foi um grande ícone da luta do negro no RS, compositor, escritor e pesquisador da cultura. Mestre Borel deixou um legado de prêmios como o troféu João Candido Almirante Negro (2005), Troféu Zumbi (1997), Troféu Afroconesul (2017, prêmio póstumo), entre outros. Em 2010, Mestre Borel deixou seu último registro no documentário *Mestre Borel Ancestralidade Negra em Porto Alegre* (2014). Este documentário está disponível no YouTube¹⁴.

- **Instruções:** Estes jogos têm por objetivo o encaixe das peças de modo a compor a ilustração. Podem ser jogados entre 1 a 2 crianças a partir dos 5 anos de idade. Para esta caixa foram confeccionados dois jogos: um a partir da imagem do painel de entrada e outro a imagem do Mestre Borel.

- **JOGO DE BAFO: Clubes Negros e Sopapo (13 peças)**

Conforme a curadoria da exposição, o sopapo (tambor de 1,5m de altura e 60cm de diâmetro), tem sua origem no século XIX e foi encontrado nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Nos anos 2000, foi ressignificado e se tornou símbolo de resistência e memorial da população negra.

Os clubes negros “são construções culturais que conferem inteligibilidade e densidade histórica à experiência de racialização vivenciada no pós-abolição” (SILVA, 2017, p. 21). Deste modo, tratam-se de espaços dotados de múltiplos significados: lugar de diversão, de organização política, de ressignificação da beleza negra, lugar de arte e saberes. São (foram) sem dúvida alguma “espaços de lutas políticas que informam sobre cidadania, tendo por base, por um lado, uma ideia de raça e, por outro, valores sociais compartilhados que condicionaram a formação de uma identidade negra positiva” (*ibid.*). Os clubes negros são quilombos que persistem e resistem!

- **Instruções:** Este jogo pode ser jogado entre 2 a 4 crianças a partir dos 3 anos de idade. Também pode ser manuseado pelas crianças bem pequenas. Em roda, as(os) participantes dispõem as cartas uma por cima da outra (de 2 a 6 peças),

¹⁴ ALTEMANN, Leonardo. **Mestre Borel Ancestralidade Negra em Porto Alegre**. YouTube, 12 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ftjdoUEC4b0>. Ver também: <https://centroculturalmestreborel.com.br> e <https://www.ufrgs.br/biev/producoes/mestre-borel-a-ancestralidade-negra-em-porto-alegre>.

a(o) jogadora(or) bate com a mão o monte de cartas tentando virá-las para cima. Se conseguir virar uma cartinha, ela é sua, e ganha a criança que mais cartas virar. Para esta caixa, um jogo foi confeccionado a partir das imagens dos clubes negros e do Sopapo.

Imagem 6. Clubes Negros do Rio Grande do Sul e Sopapo.



Fonte: Fotos da tiradas na exposição *Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022): módulo *Sou a matriz negra do sul*, por Liliana Cardoso e Luiz Claudio Knierim; e o módulo *Clubes Sociais Negros: lugar do sagrado, do discurso próprio, da autonomia e da liberdade*.

- **JOGO DA MEMÓRIA - Grupo Palmares e Quilombo dos Palmares (18 peças)**

Vida longa ao Grupo Palmares, a Palmares e aos quilombos do tempo presente:

conversas na Rua da Praia sob a vigilância dos militares, gestou o que presentemente conhecemos como Grupo Palmares.

Decididos a buscar alternativas ao 13 de maio, Oliveira Silveira, Antonio Carlos Cortes, Ilmo Silva e Vilmar Nunes, realizavam algumas discussões na Andradadas sobre a falta de outros referenciais para o negro na História oficial. A partir desta constatação decidiram pesquisar datas que pudessem ser representativas para o povo negro (CAMPOS, 2006, p. 51).

O Quilombo e Zumbi dos Palmares passaram a ser a narrativa negra, a representar a população negra; tratava-se de uma história negra da resistência, da união e da luta. Quem mais teria tamanha força histórica para destronar a princesa? Tinha que ser o rei Zumbi!

- **Instruções:** Este jogo pode ser jogado entre 2 a 4 crianças a partir dos 3 anos de idade. Também pode ser manuseado pelas crianças bem pequenas. Em roda, as cartas podem ser dispostas todas para cima e uma criança por vez deve localizar uma dupla de cartas. Outra forma de jogar é misturar as cartas, e dispor viradas para baixo, então a criança na sua vez escolhe duas cartas para virar para cima procurando formar um par. Ganha a criança que mais formar pares.

Para esta caixa, um jogo foi confeccionado. As imagens utilizadas foram: as imagens da membra do Grupo Palmares Maria Conceição, o integrante fundador Oliveira Silveira, Zumbi e Dandara, uma imagem do Quilombo dos Palmares, a arte feita em comemoração dos 50 anos do 20 de novembro.

Imagem 7. Quilombo dos Palmares, Personalidades do Grupo Palmares, Zumbi e Dandara.





Fonte: imagem de Oliveira Silveira – Wikipédia; Cartaz e logo 50 anos do 20 de novembro – Google Arts & Culture¹⁵; imagem de Zumbi – *blog* Cultura de Alagoas¹⁶; imagem de Palmares – *site* do Parque Memorial Quilombo dos Palmares¹⁷; a imagem de Dandara é de autoria da Companhia das Letras, foi obtida na página Arte e Estado¹⁸.

O jogo da memória foi jogado pela minha turma M2A/JA1, com base no projeto pedagógico sobre o Quilombo dos Palmares realizado a partir da obra *Zum, Zum, Zum, Zumbi* da escritora Sonia Rosa. Sob o título M2A vai a Palmares, as crianças conheceram por imagens o quilombo, e o rei Zumbi e a rainha Dandara. O projeto exigiu muito estudo, visto que os conhecimentos referentes à história de Palmares eram poucos, além disso, ensinar história às crianças pequenas é uma ação desafiadora.

Este ano a turma que era M2A passou a ser JA1, então retomei a obra lida e também o projeto para então apresentar o jogo da memória. Em um grupo de sete crianças dispus sobre a mesa as peças e expliquei a proposta, cada criança na sua vez tinha que encontrar o par da carta escolhida. Cada carta que era escolhida eu explicava o que era ou quem era. As crianças demonstraram lembrar do projeto e rapidamente se apropriaram dos nomes das pessoas nas cartinhas. Quando o Anthony (4 anos) pegou a carta com a arte dos 50 anos ele disse: “é o Oliveira Oliveira, né?”.

Imagem 8. Jardim A1 jogando o jogo da memória sobre Palmares e o Grupo Palmares

¹⁵ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/BgXRJajkmcizKA?hl=pt-BR>. Acesso em: 25 mar 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://culturadealagoas.blogspot.com/2011/06/zumbi-dos-palmares.html>. Acesso em: 25 mar. 2023.

¹⁷ Disponível em: <https://serradabarriga.palmares.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/por-que-dandara-rainha-de-palmares-nao-e-anita-garibaldi>. Acesso em: 25 mar. 2023.



Fonte: acervo da autora (fotografias obtidas na sala do JA1 na EMEI Dom Luiz de Nadal).¹⁹

¹⁹ As autorizações para o uso da imagem das crianças nesse trabalho está nos anexos.

Jogamos duas vezes nesta tarde, ao final do jogo a Sophia explicou como era o bafo, pois as crianças queriam bater as cartinhas do jogo, aproveitei e falei que também tenho o jogo de bater cartinhas (bafo) e que assim que eu estudasse sobre o tema do jogo, traria as cartinhas. Sobre a carta da Dandara, Ana Júlia falou sentir medo, perguntei o motivo e ela não soube dizer, falei que a Dandara era igual a mim (negra), e uma rainha, Ana sorriu e pegou a cartinha.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição da realização de uma formação docente na perspectiva da educação patrimonial se mostrou como vivência e aprendizado para todas as pessoas envolvidas. As mediações foram muito elogiadas, houve educadoras que se emocionaram com as novas informações e com a exposição *Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro (2021-2022)* como um todo. A experiência de ver pessoas negras fazendo história no Rio Grande do Sul em uma condição diferente daquela que nos foi ensinada na escola – eram representações positivas de agentes históricos negros e negras que por longo tempo foram silenciadas(os) pela narrativa tradicional –, provocou uma desestabilização cognitiva, na qual uma nova informação colide com aquela já assimilada. Esse confronto cognitivo pode gerar uma abertura para a possibilidade de uma modificação quanto ao que se acreditava. Podemos pensar então que a visita, mais que uma formação docente, foi uma aula de história negra.

Era importante que essa aula não ocorresse dentro da escola, o ambiente potencializador para esta aula, era a exposição, visto que o 20 de novembro é uma data muito importante para a Nadal. A data está presente na escola há muitos anos, começando com uma celebração de um dia, passando para uma semana, e presentemente sendo celebrada durante todo mês de novembro.

No segundo ano do Novembro Negro da Nadal, fiz uma problematização quanto ao significado da data, compartilhei com o grupo a proposição de que a data trata da história da(o) negra(o) no Brasil, e que por isso trazer para este mês “danças africanas”, máscaras africanas, a savana africana, os países africanos, não tem a ver com a proposição do Grupo Palmares. O 20 de novembro idealizado na década de 1970 diz respeito ao Quilombo dos Palmares, tendo em Zumbi a representação do herói negro que lutou por seu povo contra o sistema escravocrata e, ampliando essa perspectiva, vemos a história da população negra no Brasil a ser celebrada neste mês.

A visitação teve por objetivo proporcionar uma formação docente que tocasse as trabalhadoras da escola, de tal modo que elas passassem a ver a importância do 20 de novembro para a população negra. Havia uma grande expectativa sobre se as colegas iriam gostar ou não da visitação-formação, e também se essa formação teria alguma influência nas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. No dia seguinte à formação, o assunto era o museu, as meninas e o menino estavam encantadas(o) com tudo que foi visto. Porém, conforme os dias foram passando, a visitação-formação foi se tornando apenas uma lembrança positiva.

Essa ida ao museu marcou a equipe de diferentes modos; muitas nunca tinham ido ao museu, poucas colegas sabiam da existência do MARS e do Memorial. Houve quem se impressionou com a magnitude da exposição, quem se emocionou com as informações, enfim, foi um encantamento que emocionava quem as via circulando pela exposição.

Ao final da visita entreguei à escola a caixa pedagógica com os jogos e o texto do Oliveira Silveira. A coordenadora chorou ao receber a caixa, eu fiz uma fala sobre a importância da exposição e da minha felicidade em estar com elas no museu. A caixa foi guardada na sala da Direção junto aos livros para as(o) educadoras(or), então quem quisesse pegar, assim o poderia. Soube pelo grupo do WhatsApp da escola que a turma do Jardim B2 jogou os jogos, mas não sei como foram as intervenções das educadoras.

Penso que a proposição da caixa foi positiva, a ideia de criar jogos para também ensinar as crianças da escola, foi sem dúvida alguma, uma ação certa. Esta caixa é a materialização de uma pedagogia que se mistura com a história. Contudo, me pergunto se os jogos não seguiram uma perspectiva de ensino fundamental, devido ao fato de exigirem um conhecimento histórico para que então os jogos além de divertir possam ensinar também. Neste sentido, a caixa ganha mais um sentido pedagógico-histórico, que é a formação das educadoras, ao pegar os jogos e levar para a sala referência, a(o) educadora(or) precisará de um planejamento no qual o jogo se encontre dentro de um objetivo pedagógico, e isso enriquece ainda mais a caixa.

Além disso, ela funciona como uma memória da exposição *Palmares não é só um São Milhares: 50 anos do 20 de novembro* (2021-2022), desse modo, mesmo que as crianças não tenham tido a oportunidade de visitar a exposição, um pouco dela vai estar ali, guardada na caixa, mantendo uma memória e igualmente ensinando crianças e educadoras(es).

Enquanto a visitação-formação nos convida a pensar nas suas potencialidades, bem como a refletir sobre outros modos de pensar a educação a educação patrimonial; a caixa

pedagógica se mostra como importante instrumento de ensino no que se refere à história da população negra no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Beatriz. Palavras da Secretária de Cultura. *In*: WIGGERS, Monica Marlise; KOENIG, Juliana; SILVEIRA, Alice (orgs.). **Cadernos de exposição do MARS**: Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro. Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Instituto Estadual do Livro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PvSLXJmh4fLopJgyG3zY_ySwG6XvdzQA/view. Acesso em: 11 de março de 2023.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, agosto/2001.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. **Cadernos do CEOM**, ano 27, n. 41, 2014.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978)**: Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CHAGAS, Mário. Seminário 200 anos de Museus no Brasil: desafios e perspectivas (a partir da museologia social) para os museus no Brasil contemporâneo. **Anais 200 anos de museus no Brasil**: desafios e perspectivas. Brasília: Ibram, 2018.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O Significado da Formação Continuada Docente. **4º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

GOMES, Arilson dos Santos. Ensino de história, patrimônio e práticas decoloniais no Museu do Percurso do Negro de Porto Alegre. **Fronteiras**: Revista de História, Dourados/MS, v. 12, n. 38, p. 71-89, jul./dez, 2019.

JUCHEM, Henry; PEREIRA, Nilton Mullet. Sobre o uso de jogos no ensino de história. **Revista Brasileira de Educação Básica**, Belo Horizonte, ano 3, n. 7, jan./março 2018. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/sobre-o-uso-de-jogos-no-ensino-de-historia/>. Acesso em: 18 de março de 2023

MAGALHÃES, Ana Flávia. Módulo Grupo Palmares de Porto Alegre – Consciência Negra em dia! *In*: WIGGERS, Monica Marlise; KOENIG, Juliana; SILVEIRA, Alice (orgs.). **Cadernos de exposição do MARS**: Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro. Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Instituto Estadual do Livro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PvSLXJmh4fLopJgyG3zY_ySwG6XvdzQA/view. Acesso em: 11 de março de 2023.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Historiografia do Quilombo [1977]. In: **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. 1ª ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

PACIEVITCH, Caroline. **Mediação, mediação participativa e ensino de História em espaços de memória**. Texto produzido para aula. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. **Museu Antropológico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, [s. d]. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/museu-antropologico>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTOS, Priscila Goulart dos. **Ecoa o grito da resistência que derrubou barreiras e tomou o que é nosso: dez anos de Ações Afirmativas na UFRGS**. 2019. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos Clubes Negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960)**. 2017. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WIGGERS, Monica Marlise; KOENIG, Juliana; SILVEIRA, Alice (orgs.). **Cadernos de exposição do MARS: Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro**. Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul: Instituto Estadual do Livro, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PvSLXJmh4fLopJgyG3zY_ySwG6XvdzQA/view. Acesso em: 11 de março de 2023.

ANEXOS

ANEXO 1: Questionário no Google Forms – Sobre a visita



Questionário 1 TCC

Perguntas Respostas 8 Configurações

**PALMARES
NÃO É SÓ UM,
SÃO MILHARES**

Alinhamento Pedagógico

Formação no Museu sobre o 20 de novembro

Nome *

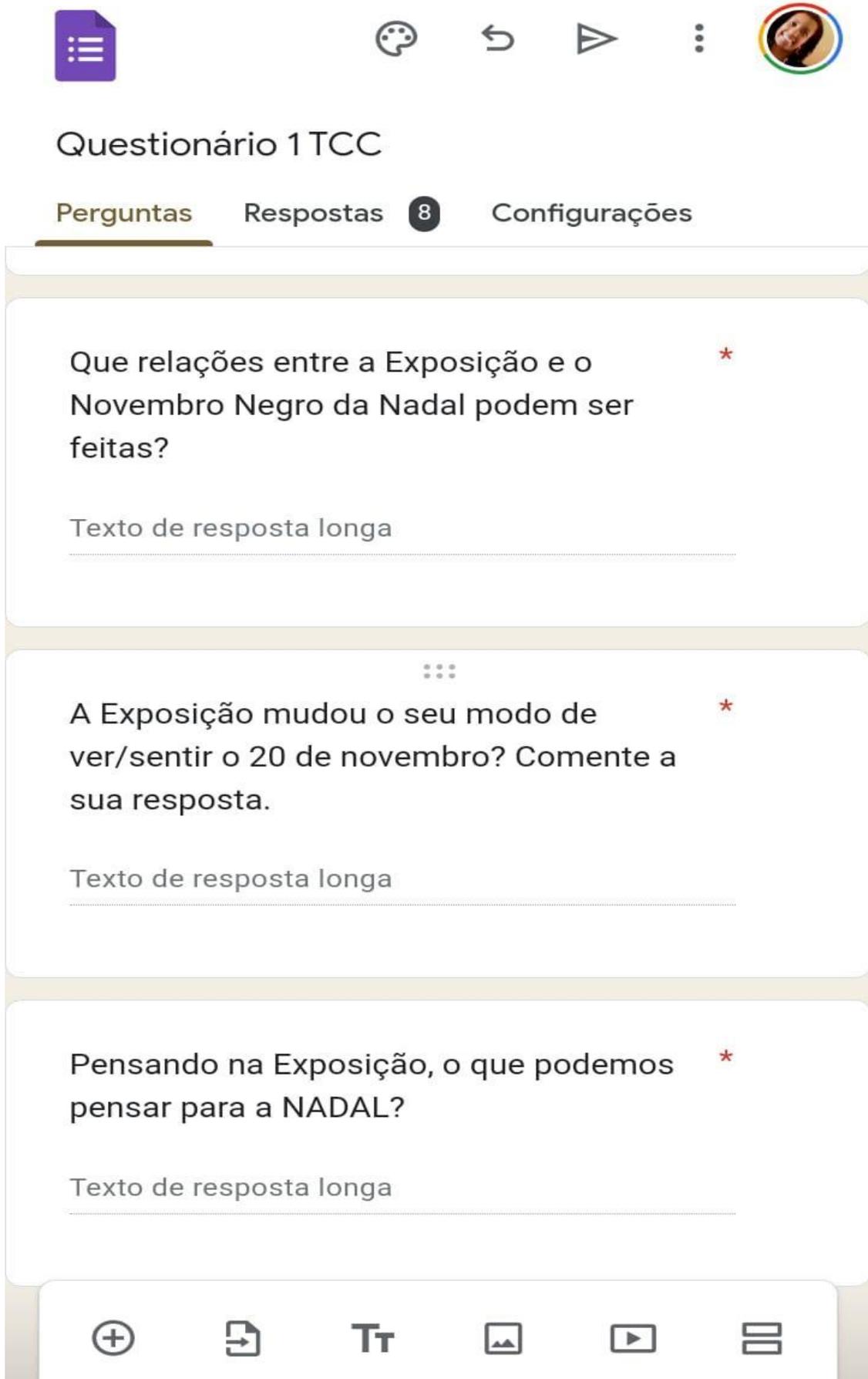
Texto de resposta curta

Esta foi a sua primeira visita a um Museu? *

Sim

Não

+ ↩ Tt 🖼️ ▶ ☰



Questionário 1 TCC

Perguntas Respostas **8** Configurações

Que relações entre a Exposição e o Novembro Negro da Nadal podem ser feitas? *

Texto de resposta longa

⋮

A Exposição mudou o seu modo de ver/sentir o 20 de novembro? Comente a sua resposta. *

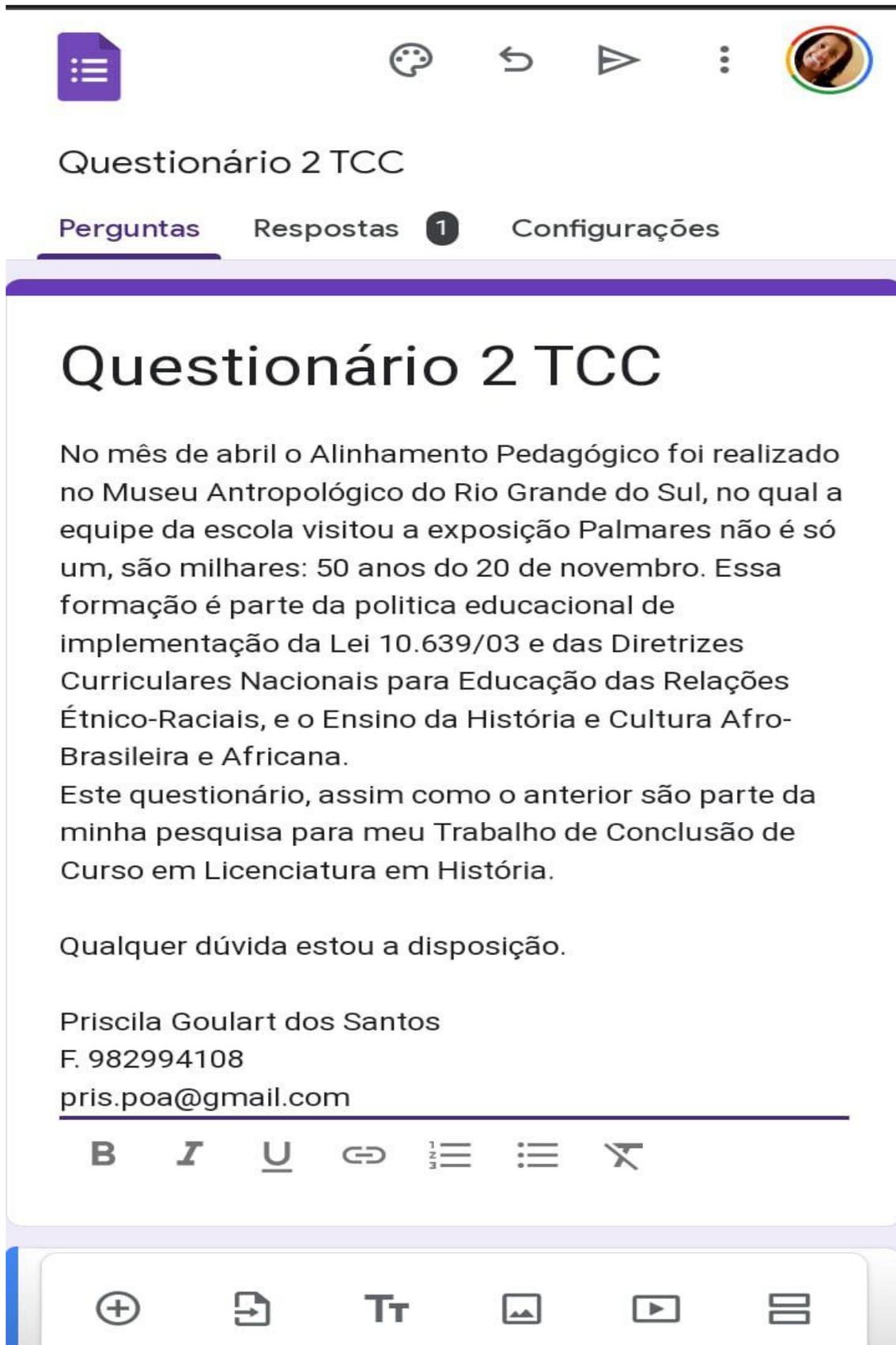
Texto de resposta longa

Pensando na Exposição, o que podemos pensar para a NADAL? *

Texto de resposta longa

⊕ ↗ Tt 🖼️ 🎥 ☰

ANEXO 2: Questionário no Google Forms – Sobre a visita e o Novembro Negro



The image shows a screenshot of a Google Form interface. At the top, there is a navigation bar with icons for a document, a palette, a back arrow, a forward arrow, a vertical ellipsis, and a profile picture. Below this, the title 'Questionário 2 TCC' is displayed. Underneath the title, there are three tabs: 'Perguntas', 'Respostas' (with a '1' notification), and 'Configurações'. The main content area contains the following text:

Questionário 2 TCC

No mês de abril o Alinhamento Pedagógico foi realizado no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, no qual a equipe da escola visitou a exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro. Essa formação é parte da política educacional de implementação da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais, e o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Este questionário, assim como o anterior são parte da minha pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História.

Qualquer dúvida estou a disposição.

Priscila Goulart dos Santos
F. 982994108
pris.poa@gmail.com

At the bottom of the form, there is a rich text editor toolbar with icons for bold (B), italic (I), underline (U), link, bulleted list, numbered list, and strikethrough. Below the toolbar, there is a bottom navigation bar with icons for adding a question, a document, text, image, video, and a list icon.



Questionário 2 TCC

Perguntas

Respostas **1**

Configurações

Curso em Licenciatura em História.

Qualquer dúvida estou a disposição.

Priscila Goulart dos Santos

F. 982994108

pris.poa@gmail.com

B

I

U



A visita à exposição Palmares não é só *
um, são milhares: 50 anos do 20 de
novembro, te ajudou na formulação da tua
proposta do Projeto Cultura, arte e
Orgulho, e na formulação da(s)
proposta(s) para o Novembro Negro
Nadal?

Em caso, positivo, diga como.

B

I

U



Texto de resposta longa



ANEXO 3: Autorizações para o uso das imagens dos estudantes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visita de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenho participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu, Jessica Rocha Medeiros autorizo minha(meu)
filha(o) Muzilo a participar do estudo empreendido pela
estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre, de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visita de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenho participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu, Rafael C. Santos autorizo minha(meu)
filha(o) ICARO RAFAEL a participar do estudo empreendido pela
estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre, 24 de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visita de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenham participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu Priscila C. Vignatti autorizo minha(meu)
filha(o) Alice a participar do estudo empreendido pela
estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre, de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visita de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenham participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu Priscila C. Vignatti autorizo minha(meu)
filha(o) Amo filha a participar do estudo empreendido pela
estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre, de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visitação de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenho participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu... Grávia Vediautorizominha(meu)
 filha(o)... Anthony Gael Vedi a participar do estudo empreendido pela
 estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre,..... de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visitação de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenho participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu... Patrícia Machadoautorizominha(meu)
 filha(o)... Stephania Kuxaem da Silva a participar do estudo empreendido pela
 estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre,..... de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSCIENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Chamo-me Priscila Goulart dos Santos, estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou no último semestre do curso em História. Por tal motivo estou realizando uma pesquisa sobre as relações entre a educação patrimonial e a formação docente a partir da experiência de visitação de um grupo de educadoras de educação infantil à Exposição Palmares não é só um, são milhares: 50 anos do 20 de novembro no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul durante a realização do Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial. As crianças embora não tenho participado da visita, também são parte do estudo.

Este trabalho de conclusão de curso é orientado pela professora Melina Perussatto.

Eu, Axatella.....autorizo minha(meu)
filha(o) Venúcia L. B. R. Rodrigues a participar do estudo empreendido pela
estudante Priscila Goulart dos Santos.

Porto Alegre,..... de março de 2023.